



#cm
2
FIM DE SEMANA

O Rei nunca perde a *Majestade*

Roberto Carlos desembarca no Rio de Janeiro **neste fim de semana** para dois shows da **turnê “Eu Ofereço Flores”** no sábado (15) e domingo (16) no **Qualistage, na Barra da Tijuca**. Página 2

Sucessos que atravessam gerações

Turnê “Eu Ofereço Flores” terá dois dias de apresentações no Rio, diante da alta procura dos fãs



Fotos/Caio Girardi

Com 70 álbuns lançados, Roberto Carlos é um dos maiores artistas da música brasileira

MARCELO PERILLIER

Artista que movimentou gerações, Roberto Carlos está de volta ao Rio de Janeiro para a sua consagrada turnê “Eu Ofereço Flores”. Programada inicialmente para sábado (15), abriu-se dia extra, no domingo (16), diante da alta procura, após negociação com o Qualistage, na Barra da Tijuca. Nos dois dias, a apresentação, que promete reunir grandes sucessos da carreira do Rei, como “Detalhes”, “Emoções”, “Como é Grande o meu Amor por Você”, “Esse Cara sou Eu”, “Amigo”, entre tantas outras, está para começar às 20h30.

Roberto Carlos mantém uma carreira construída ao longo de mais de seis décadas, com presença consolidada no Brasil, na América Latina e em outros mercados. Ao longo da carreira, o artista lançou cerca de 70 álbuns no Brasil e construiu uma trajetória internacional marcada também pela produção em espanhol. Desde a década de 1960, seus trabalhos passaram a ser lançados simultaneamente em português e espanhol, além de versões e gravações em outros idiomas.

Uma carreira de décadas

O EP “Eu Ofereço Flores”, lançado em 2024, deu nome à atual turnê e se soma a um repertório construído ao longo de décadas. Entre os principais marcos de sua trajetória está a parceria com Erasmo Carlos, com quem Roberto desenvolveu parte significativa de sua produção autoral.

A dupla ajudou a estabelecer uma linguagem própria dentro da música popular brasileira, combinando elementos de diferentes gêneros com letras de comunicação direta e forte apelo popular. Ao longo dos anos, Roberto Carlos também incorporou diferentes influências sem abandonar as características que definiram sua identidade artística.

A longevidade da carreira se reflete na permanência de suas músicas entre diferentes gerações e na capacidade de atrair público para casas de espetáculo, arenas e estádios. Com lançamentos em diferentes formatos e presença nas plataformas de streaming, o cantor segue ocupando espaço relevante no mercado musical.

Turnê internacional

O calendário de Roberto Carlos em 2026 começou com

uma série de apresentações no México. De volta ao Brasil, o cantor segue cumprindo uma agenda de shows que inclui diferentes cidades e mantém a turnê em circulação.

A agenda internacional é uma característica recorrente de sua carreira. Em 2025, o artista passou por países como Equador, Colômbia e Peru. No mesmo período, realizou o lançamento de “Além do Horizonte” a bordo do transatlântico Costa Pacífica, em 12 de março, em uma apresentação que reuniu público e repercussão positiva.

Em 2024, Roberto Carlos também levou seus shows a importantes cidades dos Estados Unidos. Naquele ano, seu desempenho no mercado americano o colocou entre os 30 artistas de maior público no país, segundo o ranking da Global Concert Pulse, ao lado de nomes como Elton John, Cher e o grupo Kiss.

A trajetória internacional do cantor inclui ainda planos de novas apresentações na Europa, mantendo uma estratégia de circulação que combina o público brasileiro com a presença crescente em mercados estrangeiros.



Roberto Carlos na tradicional distribuição das rosas ao público no final de suas apresentações

Um encontro do **samba com o jazz**

Diogo Nogueira comemora 20 de carreira em apresentação no Theatro Municipal com a MPB Jazz Orquestra

MARCELO PERILLIER

Após esgotar os ingressos da apresentação realizada em junho de 2025, Diogo Nogueira volta ao palco do histórico Theatro Municipal do Rio de Janeiro para um novo encontro com o público. O cantor se apresenta no domingo, 16 de agosto de 2026, às 18h, ao lado da MPB Jazz Orquestra, em um espetáculo que celebra seus 20 anos de carreira.

Sob direção musical e regência do maestro Renato Coelho, o show combina sucessos que marcaram a trajetória de Diogo com releituras de clássicos do samba e da música popular brasileira. A proposta é unir a força do samba aos arranjos orquestrais, aproximando elementos da música erudita e da tradição popular brasileira.

No repertório estão canções



Cantor apresentará grandes sucessos e clássicos do samba em formato jazzístico

como “Clareou”, “Espelho”, “Olha” e “Pé na Areia”, entre outros sucessos. Acompanhado pela MPB

Jazz Orquestra, o artista revisita momentos de sua carreira em uma apresentação marcada pela sonori-

dade orquestral e pela interpretação característica do samba.

Diogo Nogueira destaca a sin-

tonia construída com a orquestra e com o maestro Renato Coelho. Para o cantor, o formato do espetáculo cria uma oportunidade de apresentar a música popular brasileira a partir de uma nova perspectiva.

“Eu tô muito feliz de estar junto com a orquestra MPB Jazz, com o maestro Renato Coelho, no Theatro Municipal cantando música popular brasileira, fazendo esse misto de erudito com música popular, com um swing incrível e uma energia lá no topo”, afirma o cantor.

Segundo Renato Coelho, a parceria entre o artista e a MPB Jazz Orquestra tem ganhado espaço junto ao público justamente pela combinação entre a identidade do samba e a dimensão dos arranjos orquestrais.

“A parceria entre Diogo Nogueira e a MPB Jazz Orquestra vem conquistando plateias por todo o país ao reunir a força e a autenticidade do samba à riqueza dos arranjos orquestrais”, afirma o maestro. Para ele, o espetáculo tem potencial para aproximar diferentes gerações por meio de um repertório que valoriza a música brasileira.

ROTEIRO MUSICAL

POR MARCELO PERILLIER

Vannick celebra os 80 anos do pai, Belchior

A cantora cearense Vannick Belchior desembarca no Rio de Janeiro para apresentar, no dia 15 de agosto, no Teatro Rival Petrobras, e no dia 16, no Teatro Bangu Shopping, o espetáculo “Meu Nome é Cem”, uma homenagem aos 80 anos de nascimento de seu pai, Antônio Carlos Belchior. No setlist, claro, “Como Nossos Pais”, “Sujeito de Sorte”, “Apenas um Rapaz Latino-Americano” e “Fotografia 3x4”.



Ellen Hilario

Orquestra Forte de Copacabana em mandarim

A Orquestra Forte de Copacabana realizará uma celebração especial em menção aos 52 anos de amizade diplomática entre Brasil e China em uma apresentação gratuita no Forte de Copacabana, dia 15 de agosto, às 18, sob a regência de Luiz Potter, a participação da soprano Marília Vargas e um repertório composto integralmente por obras chinesas em mandarim.



Rudy Trindade

Homenagem aos 90 anos de Wilson Moreira

A cantora Mariana Baltar se apresenta, no dia 14 de agosto, no Sesc São Gonçalo, às 19h, um show em homenagem a um dos grandes nomes e compositores do samba brasileiro: Wilson Moreira. Ao lado de uma banda de formação regional e com participação especial do Jongô da Serrinha, Mariana destaca jongos, calangos e outras composições ligadas às raízes afro-rurais da obra do compositor.



Monica Ramalho

Drenna une arte e pensamento crítico em show

Drenna se apresentará no Sesc São João de Meriti, no dia 15 de agosto, às 16h, o show Cisne Negro, que promete uma jornada intensa e transformadora, capaz de inspirar e impactar o público com suas músicas. Cada canção carrega uma mensagem profunda, convidando o público a sentir e refletir sobre a incerteza e as reviravoltas da vida, de maneira instintiva e emocionante.



Divulgação

ENTREVISTA | BRUNO CARDOSO

VOCALISTA SORRISO MAROTO

Sorriso Maroto revisita memórias e dá nova voz ao seu “Lado B”

RAPHAELA CORDEIRO E RAFAEL LIMA

O Sorriso Maroto mergulha em seu próprio acervo para apresentar uma faceta menos conhecida de sua trajetória. Lançado em 30 de julho, o álbum “Sorriso Eu Gosto No Pagode – Lado B” resgata canções que, embora tenham conquistado um lugar especial entre os fãs mais antigos, ficaram em segundo plano ao longo dos anos. O projeto, gravado em maio, no Rio de Janeiro, reúne participações de grandes nomes do samba e do pagode, como Thiaguinho, Péricles, Belo, Ludmilla, Dilsinho e Mumuzinho, além de artistas que representam a nova geração do gênero.

O trabalho encerra uma trilogia iniciada nas comemorações dos 25 anos do grupo e reforça a proposta do Sorriso de revisitar sua história sem perder a conexão com o presente. A ideia surgiu, em parte, da própria relação com os fãs, que passaram a pedir nas redes sociais músicas menos lembradas durante a turnê “Sorriso As Antigas”. A partir dessas manifestações, o grupo percebeu que havia um repertório afetivo ainda vivo na memória do público e decidiu transformá-lo em um novo projeto. Mais do que uma simples releitura de sucessos, o “Lado B” cria encontros entre diferentes gerações do pagode e dá novas vozes a músicas que estavam à espera de uma segunda oportunidade. Em entrevista ao **Correio da Manhã**, Bruno Cardoso, vocalista e um dos principais nomes à frente do grupo, falou sobre a concepção do projeto, a participação dos fãs, o encontro de diferentes gerações do pagode e o significado de revisitar esse repertório neste momento da carreira.

Correio da Manhã: O Sorriso Maroto já tem uma trajetória longa e muito consolidada dentro do pagode, atravessando diferentes fases e conquistando públicos ao longo dos anos. Como vocês enxergam esse momento da carreira e o que esse DVD e o lançamento do “Lado B” representam nessa fase do grupo?

Bruno Cardoso: Esse projeto é um futuro por um caminho de estradas já percorridas por nós, mas com um norte mais claro e definido. Esse repertório vem mexendo num lugar muito especial dos super fãs e ao mesmo tempo trazendo um frescor de novidade ao público geral devido ao formato de juntar novas vozes a essas músicas.

CM: O nome “Sorriso Eu Gosto No Pagode – Lado B” chama atenção e tem um significado forte. Quando a gente fala em “lado B”, muita gente associa a músicas mais escondidas ou mais íntimas. Como surgiu esse título e o que vocês quiseram transmitir com ele nesse projeto?

BC: Sim, o lado B tem essa conotação. Aos 80/90ventistas sabem que o lado B são as músicas do lado B da fita cassete, são aquelas do lado contrário do vinil. Essas músicas eram mais difíceis de serem ouvidas porque tínhamos que trocar de lado a fita o vinil, dava preguiça kkkkk. Com isso as músicas ficavam pra depois, ficando no radar somente dos super fãs. Essa expressão ficou muito presente nas redes sociais, principalmente quando estávamos com a tour Sorriso as antigas, ali todos revisitaram o nosso acervo e começaram a falar sobre o lado B, fazendo uma cobrança pra que tocássemos nos shows e tal. Atentos a eles nós vamos anotando os pedidos, montando o projeto, roteiro pra que na hora certa o presenteássemos. A hora é essa, tá no mundo o Lado B.

CM: Vocês escolheram gravar esse projeto em DVD, no Rio, com participações que misturam nomes consagrados e a nova geração do pagode. O que motivou esse formato e como essas parcerias ajudaram a dar cara ao “Lado B”?

BC: Esse projeto é a 3ª etapa de uma trilogia de lançamentos. 1º as comemorações dos nosso 25 anos.



Sandro Mendonça

“Esse projeto é a 3ª etapa de uma trilogia de lançamentos”

BRUNO CARDOSO

Como ele fizemos dois movimentos. O primeiro álbum Sorriso Eu Gosto no Pagode, que em formato de roda de samba revisitamos parte da carreira e fizemos um pagode com os nossos amigos da cena. Na sequência fizemos também o registro da tour Sorriso As Antigas somando o repertório do Sorriso dos anos 1999 a 2016.

O 2º ato são as homenagens aos nossos ídolo dos e heróis. Atra-

vés do projeto Sorriso Eu Gosto No Pagode gravamos o repertório e cantamos no vol. 2 com o Belo (Soweto), Chrigor (Exaltasamba), vol. 3 a homenagem ao Fundo de quintal, no Abbey Road Studios onde ganhamos o Grammy latino de melhor álbum de samba e o vol. 4 com o Alexandre Pires (SPC) e também o Luís Carlos (Raça Negra).

E o 3º a gente fecha trilogia

com o Sorriso Eu Gosto No Pagode Lado B, que trás a nova geração do pagode e os consagrados artistas da cena juntos com o Sorriso revisitando esse repertório lado B.

CM: O Sorriso tem uma relação muito próxima com os fãs, que acompanham todas as fases do grupo. Como vocês pensaram esse projeto pra conversar com quem já está com vocês há anos e também pra alcançar um público novo?

BC: Falar a língua deles, no timing deles. Eles fizeram tudo, a gente só entregou o que eles queriam de nós. Manter esse canal é muito importante, as redes e o show quando se conectam real time. É o que buscamos fazer a todo momento.

bistrô sesc FLAMENGO

Em um casarão de 1912, no coração do Flamengo, história, arquitetura, arte e gastronomia brasileira dividem a mesma mesa. Sob a assinatura da chef Teresa Corção, cada prato transforma uma refeição em um destino para todos os sentidos.



Saiba mais:



 **BISTRÔ SESC FLAMENGO**
R. Marquês de Abrantes, 99 - Flamengo/RJ

 Segunda e terça, das 12h às 19h.
Quarta a sábado, das 12h às 21h.



A maior marca de bem-estar social do RJ.

ENTREVISTA | FERNANDO PHILBERT

DIRETOR TEATRAL

‘Atrai-me o ser humano que respira fundo e pensa o que fazer diante da vida que o devora’

“Selvagem” é mais um degrau de seu repertório de escolhas teatrais, que é do mais variado, mas, ao mesmo tempo, dos mais sólidos, hoje em os nossos palcos. Como administrar essa pluralidade, ou seja, onde, em trabalhos tão distintos, imprime-se o seu olhar?

Fernando Philbert: O arcabouço do peito de um contador de histórias ao vento das sincronicidades. Talvez more aqui alguma tradução do diretor que venho descobrindo e aprendendo. “Selvagem” é que escolheu ser contada. A vontade da atriz Gabriela Rosas em estar no palco sinceramente me escolheu e sou feliz com ela. Conto as histórias que me escolhem.

Qual foi o teatro que te formou? De que maneira esse teatro (ou seja, esse arcabouço de pessoas vistas e deglutidas) guia suas escolhas hoje?

Eu me formei no entalhe da pedra nas salas de ensaios: assistente de Domingos Oliveira, Gilberto Gawronski, Lázaro Ramos, Fernando Guerreiro, Márcio Meirelles e aprendiz no estúdio de Jorge Fernando... E tem o meu mestre/amigo/pai por duas décadas Aderbal Freire-Filho. Consegui aprender alguns significados desta fogueira que é uma peça teatral. Conto histórias de João Ubaldo Ribeiro a Matéi Visniec, passando por Marcelino Freire e Gustavo Pinheiro.

Há um coro na mídia... e na boca do povo... a dizer: “Os teatros estão cheios... sempre”. Isso desde a pandemia. Há realmente uma retomada de público?

Sim, os teatros estão mais vivos. Vejo o reencantamento do público em ver ao vivo atrizes e atores sendo personagens incríveis. Vendo beleza, efeitos e mágicas. Estar junto de gente rindo e chorando no sopro de uma ilusão é uma experiência única. O teatro oferece algo que nunca mais será igual e, assim, acredito que se oferece este sentido de que a pessoa que vai ao teatro se sente em



Gui Maia

Fernando Philbert fala de seus projetos futuros e como vê o teatro neste mundo pós pandemia

RODRIGO FONSECA Especial para o Correio da Manhã

Onde geral só vê bola rolando, Fernando Philbert enxerga teatro. Não à toa, fez das vivências do craque de futebol e comentarista Walter Casagrande Jr. uma autobiografia stand up que sacudiu o Festival de Curitiba, entre março e abril. Onde geral vê páginas de livro, esse diretor teatral vê teatro. Não por acaso fez João Ubaldo Ribeiro (1941-2014) se transfigurar sob as ribaltas, ao dar teatralidade aos parágrafos de “Diário do Farol”, numa troca com o ator Thelmo Fernandes. Militar de Marinha, que trocou o Almirante Tamandaré por Eurípedes, Philbert zarpou de Porto Alegre (seu porto natal) e atracou no Rio de Janeiro em 1997, torpedeando cariocas com suas caravelas cênicas, que nadam pelos mares mais diversos, do drama e da tragédia. O trabalho atual dele como encenador é o monólogo “Selvagem”, em cartaz até 4 de setembro no Teatro Gláucio Gill, em Copacabana.

A base dramaturgica é a prosa homônima da autora Marília Passos, que foi finalista do troféu Jabuti, em 2023. O quelônio mais famoso de nossa literatura encantou-se com a forma de Marília narrar transformações laborais, pessoais e existenciais da obstetra Mariana, que, desencantada com seu casamento, resolve se candidatar a uma vaga dos Médicos Sem Fronteira no Sudão do Sul, um país abalado pela guerra civil. Nessa trágica realidade, ela se apaixona por Nino, um médico brilhante e indomável, que lhe mostra uma forma diferente de olhar para o mundo. Philbert dirige uma atriz em estado de graça, Gabriela Rosas, para converter o fraseado da escritora em cenas que entrem na cabeça e no coração da gente até fazerem ninho... darem cria... e revoarem.

Esse ciclo evolutivo aí é o mote da conversa a seguir, na qual Philbert – um artista que, virou, mexeu, tá encenando coisa nova... e boa – avalia por que águas navegam nossas artes cênicas.

uma noite rara, só para ela.

Mas essa retomada vem sendo respaldada, de alguma forma, pela edificação de novas veredas estéticas para os palcos?

Não sei o que há de novo. Realmente este “novo” no teatro, esta antropofagia de novos nomes e tendências, não é teatro, é loja de departamentos. De verdade, as lojas passam e o palco e a atriz ali contando uma história estão ali nos últimos

dois mil anos e ficará mais uns dez, doze mil anos...

“Selvagem” é investigação de personagem. Seus espetáculos, em geral, o são. Mas essas pessoas

sobre quem você fala são pessoas que, alquebradas no âmago, parecem buscar uma saída, a expressão de uma esperança, ainda que pequena. Qual seria essa antropologia demasiadamente humana das gentes que protagonizam o seu teatro? Que humano te atrai?

Atrai-me o ser humano que respira fundo e pensa o que fazer diante da vida que o devora. Isto é vital para o teatro que vou pensando e buscando, chegar perto e, quando vou chegando, ele vai se afastando e vou caminhando e caminhando, e ele se afastando, e é por isso que faço.

No teu fazer prolífico, o que vem pela frente para os próximos meses?

Vou voltar com “Todas as coisas maravilhosas”, com o Kiko Mascarenhas, em outubro, em São Paulo. Estou com Lucas Drumond estruturando o projeto “Todos os meus filhos”, de Arthur Miller, para 2027. Tenho desejo de montar “A Palavra Progresso Na Boca De Minha Mãe Soava Terrivelmente Falsa”, de Matéi Visniec. Quero seguir com “Na Marca do Pênalti”, solo autobiográfico com o ex-jogador Casagrande; com “Uma vida de amizade”; com “Três Mulheres altas”; bem como “Nefelibato”, “Eu sou um Hamlet”, com Rodrigo França, “Contos Negreiros do Brasil” e montar um texto incrível de Stefanie Neukirch, autora uruguaia: “Barrabás: Histórias de um Cachorro”. Também quero adaptar “O Poço dos Milagres”, de Carlos Nejar.

SERVIÇO “SELVAGEM”

Temporada: de 13 de agosto a 4 de setembro de 2026
Dias e horários: quintas e sextas-feiras, às 20h
Teatro Gláucio Gill: Praça Cardeal Arcoverde, s/nº, Copacabana, Rio de Janeiro.
Ingressos: R\$ 40 (inteira) e R\$ 20 (meia-entrada)
Lotação: 150 pessoas /
Duração: 1h15

CRÍTICA TEATRO | DOIS DE NÓS

POR CLÁUDIO HANDREY

Cada vez mais Gustavo Pinheiro conquista notoriedade no panorama teatral. “Alair”, “A Tropa”, “A Lista”, “Uma Vida de Amizade”, são alguns dos espetáculos com textos urdidos pelo autor. “Dois de Nós”, corrobora o sucesso e a forma pela qual o dramaturgo investe em temas aproximando o espectador, como a derrocada de situações e ferramentas ultrapassadas, verticalizando-se sobre o esfacelamento da vida conjugal. Um embate geracional é estabelecido a partir da memória de um casal ao interagirem com eles próprios no passado, mas a obra vai além e inverte paradigmas. Pedro Paulo e Maria Helena, na faixa dos 70 anos, encontram o seu duplo, aos 40, onde a modernidade depara-se com os maduros, enquanto os mais jovens, paradoxalmente, tornam-se obsoletos. O escritor acerta em configurar o espelho daquelas personagens, refletindo um mosaico de emoções, nas quais todos nós e não apenas dois de nós, somos confrontados a inexorabilidade temporal. A comédia é dramática e não envereda num viés cômico todo o tempo, costurando episódios dramáticos, que auxiliam na vulnerabilidade atravessada por inúmeros casais.

Um dos expoentes da direção teatral, José Possi Neto esculpe marcas evidenciando características físicas e comportamentais das duplas, embora o resultado venha

Inexorabilidade conjugal



A peça já foi vista por mais de 200 mil pessoas no Brasil e em Portugal

a ser mais aparente nos intérpretes masculinos. Há uma desigualdade na interpretação das atrizes que

desestrutura e por vezes altera o diálogo com a dramaturgia, além do condutor sublinhar conceitos

reiterados pelo o autor, engessando a desenvoltura do espetáculo. Ícone da cena nacional, An-

tônio Fagundes desconstrói-se, emociona, diverte, revelando as angústias e tropeços que a vida impôs à personagem, fabricando o timing perfeito para seduzir a audiência, imbuído de uma espontaneidade que sua expressiva carreira lhe proporcionou. Veterana, Christiane Torloni – que possui ótima sinergia com José Possi Neto, imprime força, elegância e carisma, desenha a sagacidade de sua Maria Helena. Por outro lado, em alguns momentos a atriz exterioriza-se. Um dos pontos altos do espetáculo é a química entre Fagundes e Thiago Fragoso, num jogo coerente e potente, já que são os mesmos, apesar de épocas distintas. O ator mais jovem realça uma corporeidade, instaurando vivacidade e uma certa ingenuidade, que por sua vez desagua em seu colega, ainda mais experiente, um cansaço, a desilusão, mas ainda assim, um frescor. E Alexandra Martins, com pouca teatralidade, não afina-se com que Torloni elabora.

Fábio Namatame ambienta um hotel com mobiliário realista, além de cortinas translúcidas, facilitando a projeção de folhagens, que valorizam a cenografia. O figurino, do mesmo, reproduz com eficiência às personagens. Um azul poético persiste na luz de Wagner Freire, demarcando reminiscências.

“Dois de Nós” festeja os 60 anos de Fagundes no ofício e os 50 de Torloni em produção com equipe de qualidade e que diverte o público.

NA RIBALTA

POR MARCELO PERILLIER

Junior Mandriola



Rita Lee para pequenos

Em seu oitavo espetáculo, o projeto ‘Grandes Músicos para Pequenos’ homenageia a rainha do rock. Elogiado pelo público e por críticos, “Ritinha Rock & Roll – Rita Lee para Crianças” faz nova temporada na EcoVilla Ri Happy, no Jardim Botânico, com sessões, aos sábados e domingos, às 16h. Com direção de Diego Moraes e texto de Pedro Henrique Lopes, a trama reverencia a vida e a obra de Rita Lee, ícone da liberdade, da autenticidade e da criatividade. A peça reúne sucessos de Rita Lee, como “Lança Perfume”, “Chega Mais” e “Jardins da Babilônia”.

Junior Mandriola



TcHiBuM! – A Liga Aquática

Com o objetivo de mostrar a importância de preservar o meio ambiente, o premiado musical infantil “TcHiBuM! – A Liga Aquática” faz nova temporada na EcoVilla Ri Happy, com sessões, aos sábados e domingos, às 11h. Com direção de Diego Moraes e texto de Pedro Henrique Lopes, a peça convida os espectadores para um mergulho muito divertido com um Boto cinza que sabe de tudo, uma Lontra sempre perdida e uma ave Biguatinga animada pelas águas da Baía de Guanabara. O espetáculo venceu o Prêmio CBTIJ nas categorias Atuação cênica e dramaturgia original.

Pedro Ytoá



Pedras 25 anos de Teatro

O projeto “Grupo Pedras 25 anos de Teatro” ocupa o Espaço Cultural Sergio Porto, no Humaitá, até o fim de agosto, com apresentações e trocas artísticas. O coletivo reestrea os espetáculos adultos “Céu de Agora” e “Restin”, os infantis “Rosa e a semente” e “Rosa e a floresta”, organiza as exposições “Esplêndidas” e “Pedras 25 anos”, além de oficina, roda de conversa e show. A programação revisita diferentes momentos da história do coletivo e mostra uma trajetória marcada pela criação colaborativa e maneiras inovadoras de interação com o público.

SEXTOU! UM RIO DE

CONFIRA ATRAÇÕES CULTURAIS EM TODAS AS REGIÕES DA CIDADE

SHOW

MPB4

✳O icônico grupo formado por Aquiles Reis, Dalmo Medeiros, Miltinho e Paulo Malaguti Pauleira retorna ao palco do Blue Note Rio, em Copacabana, celebrando os 60 anos de carreira, em duas sessões especiais e intimistas, com participação especial da cantora Verônica Sabino. Sáb (15), às 20 e 22h30h. Blue Note (Av. Atlântica, 1910 - Copacabana). A partir de R\$ 70

ORQUESTRA OURO PRETO VALE FESTIVAL

✳Orquestra Ouro Preto, Samuel Rosa e Alceu Valença fazem dois shows com o melhor do rock e das músicas nordestinas nas areias de Copacabana (altura do Posto 2). Sex (14), às 19h30h e Sab (15) às 19h30. Gratuito.

AFROPUNK EXPERIENCE RIO DE JANEIRO

✳Festival que reúne música, moda, arte, gastronomia e cultura preta. Sáb (15), às 16h. Terreirão do Samba (Rua Benedito Hipólito, 66 – Centro). A partir de R\$ 65

MÚSICA NO MUSEU

✳O Música no Museu está de volta e dá sequência às comemorações dos seus 29 anos trazendo mais novidades numa programação totalmente gratuita. Sex (14), às 19h. Igreja de Nossa Senhora da Glória do Outeiro (Praça Nossa Sra. da Glória, 26 - Glória). Gratuito

TEATRO

ÓPERA DO MALANDRO

✳O consagrado musical de Chico Buarque em nova montagem na concepção do encenador Jorge Farjalla que incorpora elementos da religiosidade popular ao universo da malandragem. Até 23/8, qui e sex (20h) sáb (16h e 20h) e dom (15h30 e 19h30). Teatro Multiplan - VillageMall (Av. das Américas, 3900 - Piso SS1, Barra da Tijuca). Entre R\$ 25 e R\$ 350

WICKED, A HISTÓRIA NÃO CONTADA DAS BRUXAS DE OZ

✳A vida das bruxas de Oz, muito antes de Dorothy lá chegar. Até 6/9, qua a sex (20h), sáb (15h e 19h30) e dom (14h e 18h30). Cidade das Artes Bibi Ferreira (Av. das Américas, 5300). A partir de R\$ 25



O maestro Rodrigo Toffolo com Alceu Valença e Samuel Rosa



O MPB4 apresenta um repertório da nossa canção popular



Marcelo Perillier

Superprodução em cartaz na Cidade das Artes Bibi Ferreira



Divulgação

Eles não usam black tie

O FILHO DAS MÃES

✳Ao colocar em cena diferentes modelos de família, a peça convida o público a refletir sobre as transformações da sociedade e sobre a necessidade de construir relações pautadas pelo respeito, pela empatia e pela

convivência com as diferenças. Até 26 de agosto, terças e quartas-feiras, às 20h. Teatro Laura Alvim - Casa de Cultura Laura Alvim (Av. Vieira Souto, 176, Ipanema). Ingressos: Funarj

LUIZA MAHIN: EU AINDA

CONTINUO AQUI

✳Após cinco anos em circulação pelo país, espetáculo retorna aos palcos cariocas para denunciar o extermínio da juventude negra. Até 29/8, qui a sáb (19h). Teatro Correios Léa Garcia (Rua Visconde de Itaboraí, nº 20, Centro). R\$

40 e R\$ 20 (meia)

ELES NÃO USAM BLACK-TIE

✳Obra de Gianfrancesco Guarnieri (1934-2006) mostra a força atual de sua dramaturgia em montagem com direção de João Velho. Até 30/8, sex a dom

OPÇÕES DE LAZER

SUGESTÕES PARA SEXTOU@CORREIODAMANHA.NET.BR



Adriano Doria

Ópera do Malandro



Rodolfo Abreu

O Filho das Mães



Divulgação

Espetáculo Luz do Sol no Teatro Municipal Domingos Oliveira



Paty Lopes

Abraça



Divulgação

A Biblioteca dos Sonhos Perdidos



Claudia Ribeiro/Divulgação

Eu ainda continuo aqui

(19h). CCJF — Centro Cultural Justiça Federal (Av. Rio Branco, 241, Centro). R\$ 50 e R\$ 25 (meia)

ALTA SOCIEDADE

✱ Nova montagem de texto de Mauro Rasi (1949-2003) reforça a pertinência do saudoso dramaturgo paulista como um cronista de afetos (e seus enguiços) nos palcos. Com atuações de Júlia Lemmertz e Orã Figueiredo. Até 27/9, às sex e sáb (20h30) e dom (19h). Teatro Vannucci (Shopping da Gávea - Rua Marquês de São Vicente, 52). Entre R\$ 60 e R\$ 150

ABSOLVIÇÃO

✱ Monólogo com Andriu Freitas apresenta os dilemas de homem que decide fazer suas próprias leis ao executar abusadores. Até 26/8, ter e qua (20h). Teatro Poeira (Rua São João Batista, 104). R\$ 80 e R\$ 40 (meia).

INFANTIL

ABRAÇA

✱ A montagem convida bebês e crianças pequenas a explorarem afetos, a natureza e o encantamento das descobertas. 15 a 30 de agosto, Sábados e Domingos, às 16h. Teatro Glaucio Gil (Rua Padre Leonel Franca, 240 – Gávea). Ingressos: R\$ 20 e R\$ 40.

LUZ DO SOL

✱ A amizade, o respeito às diferenças e a inclusão na infância são os temas centrais da peça. Até 30 de agosto, Sábados e Domingos, às 11h. Teatro Municipal Domingos Oliveira (Praça Car-

deal Arcoverde, s/nº – Copacabana). ngressos: R\$ 70 (inteira) e R\$ 35 (meia)

A BIBLIOTECA DOS SONHOS PERDIDOS

✱ A montagem aborda com leveza e humor temas universais como coragem, amizade, o medo da frustração e a importância de perseguir os próprios desejos, independentemente da idade. 15, 22 e 29 de agosto (Sábados). Teatro Cândido Mendes (Rua Joana Angélica, 63).

Ingressos entre R\$ 30 e R\$ 80

EXPOSIÇÃO

DIGITALDUBS: 25 ANOS DE MÚSICA E ARTE

✱ Exposição inédita na Galeria Rato no Centro do Rio reúne criações de Marcus MPC com arte gráfica, instalação audiovisual, cartazes históricos, obras da série CryptoRastas e o seu lendário soundsystem Digitaldubs que completa 25 anos e ajudou a escrever um capítulo

da cultura urbana brasileira. Sáb (15) 18h às 00h. Rua Joaquim Silva, 71 — Lapa. Entrada gratuita.

EVENTOS

FEIJOADA DO RIVAL

✱ A Feijoada do Rival, sob o comando de Ito Melodia, vai ter edição especial no dia 16 de agosto, com o lançamento do audiovisual “Ito Melodia – Ao vivo”. Domingo, 16 de agosto, a partir das 13h. Teatro Rival Petrobras (Rua Álvaro Alvim, 33 - Subsolo).

Ingressos a partir de R\$ 70

FESTIVAL DE ARTE URBANA (FAUST)

✱ O Festival de Arte Urbana de Santa Teresa (FAUST) chega a sua terceira edição, entre 13 e 16 de agosto (quinta-feira a domingo), reunindo mais de 60 artistas, entre moradores locais e convidados, usando técnicas de grafite, azulejaria e colagens com exposições em diferentes áreas de Santa Teresa. Entrada gratuita



Kikito para quem te quer

Gramado inicia nesta sexta sua 54ª edição, firmando-se como o festival mais popular do país e como triagem de expressões autorais que driblam a hegemonia do Rio e de SP na produção

RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Numa semana chacoalhada pela ameaça de (quase) não haver Festival

de Brasília, por culpa de um problema de repasse de verbas (aparentemente) já sanado, Gramado entra em campo esta noite, ao projetar “Antártida”. Inicia suas funções fazendo jus a um legado de 53 anos, cada um deles dedicado a triagens de autoridades, com especial atenção ao que se faz longe do eixo hegemônico: Rio x São Paulo. Pernambuco há tempos é terra santa e gera títulos que correm mundo, como “O Som ao Redor”, que abriu sua carreira em solo nacional no evento da Serra Gaúcha, em 2012, dando a Kleber Mendonça Filho o prêmio de Melhor Direção. Em 2021, Renata Pinheiro fincou a bandeira vitoriosa com a sigla PE lá, mais uma vez, com “Carro-Rei”. Minas Gerais há tempos também se faz notar em mostras estrangeiras. Não à toa, fez festa em telas gramadense, em 2022, com “Marte Um”. Existe um terceiro polo sacramentado pelo olhar gringo, com um medalhão referendado pela Berlinale e por Cannes (Karim Aïnouz), que é o Ceará. Em 2019, o núcleo cearense brincou de ganhar prêmio no Sul com “Pacarrete”, de Allan Deberton. Só que Gramado não se limitou a esses flancos em sua triagem recente de brasilidades.



Jamille Queiroz



Cleiton Thiele/Ag.Pressphoto

Deu seu Kikito de Melhor Filme para o Acre (para “Noites Alienígenas”, em 2022), para Goiás (com “Oeste Outra Vez”, em 2024) e

para “Cinco Tipos de Medo”, de Cuiabá (MT), coroado em 2025.

Produções com a ouriversaria carioca da imagem nunca foram

esquecidas por lá, vide os louros dados a “Mussum: O Filmis”, em 2023. Aliás, no ano um do festival, deu RJ na cabeça. Primeiro

Yuri Gomes e Teca Pereira em *Feito Pipa*, o primeiro dos concorrentes da disputa de longas de ficção

Montagem do 54º Festival de Cinema de Gramado

longa-metragem a vencer Gramado, na edição inaugural do evento, em 1973, “Toda Nudez Será Castigada” foi laureado ainda com o Urso de Prata da Berlinale e levou 1.737.151 pagantes às salas de exibição. É um rol de conquistas que voltam a ganhar holofotes em meio à nova versão de sua trama, que Daniel Filho rodou em Jacarepaguá, com Hermila Guedes e Otávio Müller, em 2025. Falou nesse clássico dirigido por Arnaldo Jabor (1940-2022), a partir do texto teatral homônimo de Nelson Rodrigues (1912-1980), falou-se no Kikito.



Edison Vara/Ag.Pressphoto

Preparativos do Tapete Vermelho do 54º Festival de Cinema de Gramado



Divulgação

A cineasta Sabrina Fidalgo em cena de O Projeto



Fabio Rocha/TV Globo

Escalada para receber o troféu Oscarito, a honraria máxima de Gramado, Andrea Beltrão é uma das estreias de Antártida, thriller que abre o festival gaúcho

É esse o nome da entidade mítica de povos gaúchos da América Latina - o sorridente deus-sol dos Pampas - que emprestou suas feições ao troféu gramadense nos anos 1970. Desde então não cantou pra subir, sem arredar pé da Serra Gaúcha e do imaginário cinematográfico deste país, que viu, ao longo das últimas cinco décadas, Gramado renovar sua relevância, mantendo-se num trono: o de mais popular mostra competitiva do audiovisual neste país.

Ok, tem o já citado Festival de Brasília, seu irmão mais velho, que luta para abrir suas telas ainda em

setembro. Tem(os) ainda o Cine PE, o Cine Ceará, a Première Brasil do Festival do Rio, a seção nacional da Mostra de S. Paulo, o Fest Aruanda, o Olhar de Curitiba e a seção Aurora da Mostra de Tiradentes. Todos têm importância estratégica, cada qual a seu modo, só que quando se menciona Gramado, lá no coração do Rio Grande do Sul, o Brasil todo – até os rincões sem salas de projeção – tem uma ideia do que se fala. Fala-se de tapete vermelho, sim; fala-se de chocolate bom, também; fala-se de frio, daqueles de bater o queixo; mas, conversa-se, sobretudo,

de resiliência artística, o que volta a ser pauta nesta sexta-feira, com o início de uma 54ª edição recheada de vozes autorais em suas múltiplas latitudes.

Já de cara vem o diretor Bruno Safadi, com “Antártida”. Esse thriller se passa nos confins gelados da Terra, mas suas locações são cariocas da gema. Foi filmado em um espaço estimado em 1.500 m², localizado no Rio de Janeiro, que conta com câmeras autotracking de alta precisão, recursos de Inteligência Artificial e Realidade Aumentada e cerca de 300 m² de telas de LED, o que permitiu imersão

na paisagem congelante - mesmo no calor carioca. A produção possibilitou a união do mundo real e do virtual de forma fluida, utilizando, além da tecnologia, imagens captadas na Patagônia através de câmeras 360 e cenários físicos.

No enredo, ambientado na Estação Comandante Diniz, na Antártida, a cientista Inês (Marina Ruy Barbosa) é vítima de um crime brutal. Isolados pelo frio extremo e sem possibilidade de resgate imediato, todos os homens da base se tornam suspeitos – inclusive as patentes mais altas, Comandante Barros (Antonio Calloni) e o Capitão Vicente (Lázaro Ramos). Diante desse quadro de assombro, a subcomandante Elisabeth (Andrea Beltrão) assume ali a difícil missão de investigar o ocorrido, enquanto as demais mulheres da estação – Inês, Marina (Leandra Leal) e Rose (Mariana Sena) – se sentem acuadas e precisam se unir para enfrentar o medo, o silêncio e a violência.

Sua escalção para abrir o festival, um mês antes de seu lançamento comercial (17 de setembro), coincide com o tributo a uma de suas estrelas: Andrea Beltrão. Ela receberá o troféu Oscarito, destinado a atrizes e atores que encantam esta nação de Norte a Sul.

Falando de grandes atrizes, duas, Ana Flávia Cavalcanti e Camila Morgado, são as curadoras de Gramado, triangulando as escolhas com o jornalista, crítico e professor Marcos Santuário. No desenho curatorial desse trio, a maratona serrana contará com atividades extras, entre elas, a exibição da série “Emergência 53” (com DNA da TV Globo), que une os cineastas e parceiros da produtora Conspiração Claudio Torres (diretor responsável pela maior bilheteria brasileira até agora, “Velhos Bandidos”) e Andruca Waddington.

Tem outros troféus honorários por lá, além do Oscarito. No

domingo, o ator e dramaturgo Marcos Caruso será contemplado com o troféu Cidade de Gramado, pelo esplendor de seu jeito de atuar. Na terça, é a vez do troféu Eduardo Abelin. Ele será confiado à produtora Renata Almeida Magalhães (de “O Maior Amor Do Mundo”), no dia 18, em reverência a seus feitos pelo cinemão e a suas lutas políticas na Academia Brasileira de Cinema. Ela produziu sucessos, em especial as pérolas de seu finado companheiro, o cinemanovista Carlos Diegues (1940-2025). As homenagens a essa turma aquecem uma cidade assolada por baixas temperaturas nas ruas, mas inflamada por discussões no Palácio dos Festivais, sede de suas sessões. É lá que se concentra a competição nacional de longa de ficção.

Concorrem a partir deste sábado: “Feito Pipa” (CE), do já citado Allan Deberton; “Pele de Rinoce-ronte” (RJ), de Marcello Ludwig Maia; “Chorão: Só os Loucos Sabem” (SP), de Hugo Prata e Felipe Novaes; “Leite em Pó” (MG/SP/RN), de Carlos Segundo, “Justin-Justin - Nos Bastidores do Reino” (DF), de José Eduardo Belmonte; e “Nosso Segredo” (MG), de Grace Passô. Existe uma competição de longas documentais também. O primeiro será “O Projeto” (SP), de Sabrina Fidalgo e Yvan Rodic. Depois entram em cena “Empeleitada” (PE), de Micaele Xukuru, Chico Ludermiter e Sergio Borges; “Afrontosa” (SP), de Coraci Ruiz e Julio Matos; e “Gonzaguinha, Da Maior Liberdade” (RJ), de Sussanna Lira.

Pouco se sabe por aqui sobre as potências de cada um desses longas, mas “Feito Pipa” chega trazendo uma vitória de peso em seu currículo. Ganhou o Urso de Cristal da mostra Generation do Festival de Berlim, em fevereiro. Na sequência, o longa abriu o Festival Internacional de Cinema de Cartagena das Índias (FICCI), na Colômbia, onde também recebeu o prêmio de Melhor Interpretação para o jovem ator Yuri Gomes. Logo depois, conquistou mais dois importantes reconhecimentos no Festival Internacional de Cinema de Guadalajara, no México: Prêmios Maguey de Melhor Filme e de Melhor Interpretação dividido entre Yuri e Teca Pereira.

Seu roteiro, de verve queer, acompanha as aventuras da educação sentimental de Gugu (Yuri), um menino apaixonado por futebol que vive ao lado da avó Dilma (Teca), responsável por criá-lo de maneira livre e afetiva. Quando a saúde de Dilma começa a se fragilizar, Gugu tenta esconder a situação para evitar ser separado dela. Teme ser obrigado a morar com seu pai conservador e homofóbico (vivido por Lázaro Ramos). Rodado em Quixadá, no sertão do Ceará, esse estudo sobre tolerâncias fala sobre amadurecimento, pertencimento e liberdade.



RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Doze curtas-metragens, representando sete estados brasileiros, vão disputar o Kikito, principal troféu do Festival de Gramado na categoria de curtas. A seleção reúne produções de Minas Gerais, Rio de Janeiro, Mato Grosso, Rio Grande do Sul, Pernambuco, Rondônia e São Paulo, além de uma coprodução entre Brasil e França. Entre os títulos estão “A Menina que Queria Ser Pedra”, de Jackson Abacatu; “As Gêmeas”, de Vanessa Aguiar; “Divino: Sua Alma, Sua Lente”, de Clea Torres e Gilson Costa, com codireção de Divino Tserewahú; “Fúrias”, de Nica Maleoa; “Graxa e o Zepelim”, de Camilo Soares; “Maior que a Casa Toda”, de Fabiano Barros e Neto Cavalcanti; “Mulher Papaya”, de Camila Tarifa; “Pão Doce”, de Wesley Gabriel Silva Santos; “Pique-Pega”, de Mia Lima Rocha; “Revelação”, de Gabriela I. Gaia; “?? (Shibal)”, de João Rubio Rubinato; e “Um Passeio”, de Thalles Cabral e Fernanda Rocha. Esses títulos têm duração entre 9 e 21 minutos.

Atento à prata da casa, o festival promove ainda a Mostra Competitiva Sedac Iecine de Longas-metragens Gaúchos. O certame reunirá cinco produções que refletem a diversidade do audiovisual do Rio Grande do Sul, entre ficção e documentário, com foco em temas como identidade, memória

Desta até o dia 22, o site oficial de Gramado reúne pérolas numa mostra online acessível. O maior tesouro desse canteiro digital do festival, este ano, é assinado por um roqueiro, escritor, professor e, sobretudo, bamba da direção: Carlos Gerbase. “Bio” (2018) é um de seus filmes de vísceras sentimentais à vista. Reencontrá-lo via web é um jubilo.

Nos tempos em que o Rio Grande do Sul vicejava as telas do país com narrativas de invenção, consolidando-se como uma das jazidas mais auríferas de originalidade em formas e tramas, ao longo dos anos 1980 e da primeira metade dos 90, Gerbase surgiu como se fosse um sátiro no Olimpo de realizadores instigados pelos gargalos políticos da época. Chegou chegando, sempre a propor uma reflexão sobre o desejo como exceção às regras impostas. Curtas



Pique-Pega leva estrelas como Carlo Duarte e Malu Galli para a competição de curtas

Tradição nacional nos curtas e gaúcha nos longas

Disputa promete ser acirrada nas premiações das duas categorias

e resistência. A seleção inclui “A História Mais Triste do Mundo”, de Hique Montanari, que combina live action, animação e teatro de bonecos numa história de amadurecimento infantil. Entra em

campo ainda “Remanente - Voltagem”, de Kapel Furman, mistura drama, terror e ficção científica ao acompanhar dois paramédicos que libertam acidentalmente uma criatura dotada de poderes eletro-

magnéticos. Já “Darcy Fagundes meu Famoso Pai Desconhecido”, de Luciane Fagundes, reconstrói afetivamente a trajetória de um dos grandes nomes da rádio gaúcha. Em “Filhas da Lua”, de Tatiana Sager, acompanha quatro travestis que, após sobreviverem ao sistema prisional, enfrentam novos obstáculos em busca de uma mudança de vida. Em “Morro da Cruz - Memória Popular”, Crys-tom Afronário filma relatos de moradores, estudantes e artistas sobre a construção da identidade cultural e a celebração da periferia de Porto Alegre.

Na véspera de fechar sua festa, no dia 21, Gramado vai matar saudades dos tempos em que realizava competições com títulos hispano-americanos ao receber, do Chile, “La Perra”, de Dominga Sotomayor, que estreou na Quinzena de Cineastas de Cannes e vai para San Sebastián, em setembro. É uma produção de Rodrigo Teixeira, e sua RT Features, com Selton Mello no elenco. Sua diretora entrou de vez pro time de grandes autoras do cinema latino ao faturar o prêmio de Melhor Direção no Festival de Locarno, em 2018,

com “Tarde para Morrer Jovem”, longa que também disputou o Leopardo de Ouro representando o audiovisual chileno.

“La Perra” saiu de Cannes com a Palm Dog, troféu de melhor representatividade canina, por conta da cadela Yuri, filhote de rua que ocupa papel central no drama. O filme acompanha o cotidiano de Silvia (papel de Manuela Oyarzún), uma mulher solitária marcada por um passado doloroso, que vive em uma ilha isolada e castigada pelo vento. Ao acolher o animal, ela decide chamá-lo de Yuri, nome originalmente escolhido para a filha que nunca teve. Essa amizade canina sublima dores.

Em meio à consagração de “La Perra” em terras gaúchas, Selton ganhará o Kikito de Cristal em parceria com a atriz Maria Fernanda Cândido. O troféu celebra carreira que transcendem as fronteiras do país e do continente. Essa honraria passou a ser entregue em 2007, quando foi confiada ao documentarista carioca Eduardo Coutinho (1933-2014), e já foi entregue a gigantes de outras pátrias. Os argentinos Cecilia Roth e Juan José Campanella, a germânica Mariëtte Rissenbeek, o uruguaio Cesar Troncoso e o moçambicano Ruy Guerra receberam esse solzinho cristalizado, além do titã baiano Othon Bastos, coroado com esse mimo em 2013, e o divo de Petrópolis Rodrigo Santoro, agraciado por Gramado em 2025.

No dia 23, a premiação será anunciada. O júri dos seis longas ficcionais será composto pelas atrizes Cris Vianna e Helena Rinaldi; pelo cineasta Fabio Meira; pela curadora, pesquisadora e professora Kênia Freitas e pelo ator Marcelo Serrado. Os quatro longas da leva documental serão julgados pela diretora e atriz Bárbara Paz; o ator Caco Ciocler; e o produtor, compositor e fotógrafo Paulo Mendonça.

Em bossas online de Gramado, ‘Bio’ ganha uma segunda vida

seminais como “Sexo & Beethoven – O Reencontro” (1980) e “O Corpo de Flávia” (1990) e o longa-metragem “Tolerância” (2000), um marco erótico de nossa Retomada, depuraram a estética avessa a juízos morais construída por ele em paralelo a uma vibrante jornada literária. Sua prosa, expressa em romances (“Professores”) e contos (“Como Comer a Pêra” é uma joia de escrita), é igualmente marcada por ensaios observacionais sobre o embate entre os verbos “desejar” e “obedecer”. E a cada mergu-

lho dele nas telas, essa observação busca dispositivos narrativos que transgridam o lugar comum dos filmes sobre afetos, como é o caso de “Bio – Construindo uma vida”, laureado com o prêmio do júri popular de Gramado, em 2017. Essa produção conquistou ainda um (merecidíssimo) Prêmio Especial do Júri Gramadense, dado à sua fina direção de atrizes e atores – são 39 estrelas ao todo, revezando-se em depoimentos. Tudo segue um formato de mockumentário. Esse é o nome que se usa pra designar fal-

sos documentários, como é o caso de “Zelig” (1983) e “This is Spinal Tap” (1984).

Em “Bio”, escudado pela fotografia de Bruno Polidoro, Gerbase atomiza as cartilhas do biopic ao construir a biografia de um cientista fictício. Seu nome sequer é citado, mas seus feitos, em suas pesquisas sobre símios e em suas cirandas amorosas, mexeram com a vaidade de muita gente, em seus 110 anos. Entre o fim dos anos 1950 e um futuro de 2070, parecido com o que Jia Zhang-ke esboça em “As Mon-

tanhas Se Separam” (2015), o pesquisador criado por Gerbase protagonizou peripécias românticas e profissionais das mais inusitadas. É o que nos contam o psicólogo vivido por Marco Ricca (num show de elegância), a médica encarnada por Maitê Proença com uma ironia ferina ou a dúvida exobióloga interpretada por Maria Fernanda Cândido, que ganhará o Kikito de Cristal por feitos como este.

Cada uma das pessoas filmadas por Gerbase peça num puzzle sobre modos de amar, de perder e de gozar num Brasil cheio de cabrestos, incluindo sexuais. A montagem de Milton do Prado dá uma progressão aritmética a cada fala delas, criando uma contínua exponenciação de desabafos que se complementam seja pela atração, seja pela controvérsia. É um filme onde a inteligência nos guia memória adentro. **(R.F)**



RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Prestes a chegar aos 80 anos, o Festival de Locarno encerra neste sábado uma edição – a de número 79 – que valorizou para além do protocolo habitual do evento suíço as estéticas da América Latina, com a presença (expressiva) do Brasil na competição oficial, representado por “A Margem do Rio”, de Enock Carvalho e Matheus Farias. Uma fábula vinda do Chile, “Princesa Burro”, feita em coprodução com o Uruguai, tem fortes chances de premiar seus diretores, a dupla Cristóbal León e Joaquín Cociña, por uma narrativa com cara de “Vila Sésamo”. Fora de concurso, um conterrâneo deles, Sergio Castro-San Martín, emplaçou o que periga ser o filme-evento da maratona cinéfila da Suíça (realizada numa região que fala italiano, localizada a duas horas de Milão): “Il Cilenno”. O título já vem com CEP e remonta aos tempos, da década de 1970, em que o trauma pela interrupção do governo de Salvador Allende levou muitos ativistas ao êxodo (para o exterior) e a bombas, como é o caso do protagonista deste épico às avessas.

Sua genealogia, com base em fatos reais, é a do thriller político (à moda Costa-Gavras), mas numa linha mais humanista de estudo de personagem, no caso Aldo Marín, militante socialista chileno especializado na fabricação de explosivos. Em vez de transformar seu personagem principal em um herói revolucionário, Castro-San Martín prefere observá-lo pelas vias de suas fragilidades: um chileno expatriado na Itália que precisa sobreviver, juntar dinheiro, aprender outra língua e, sobretudo, encontrar uma maneira de trazer de volta para perto a mulher e o filho recém-nascido que deixou no Chile. O que aparece diante da câmera é a intimidade de alguém que foi obrigado a reconstruir a própria existência.

“Antes, na época das grandes ditaduras latinas, como a do Chile, a da Argentina e a do Brasil de vocês, quando se falava do fluxo de nosso povo pelo mundo, o vetor de circulação era o exílio, só que hoje, esse vetor passou a ser a imigração. Antes, saía-se do continente por ideologias. Nos dias atuais, saímos por sobrevivência econômica”, diz Castro-San Martín, via Zoom, ao Correio da Manhã. “Antes de ser um exilado, Aldo Marín é um migrante. Mas há uma ironia fundamental: sua única habilidade profissional, armar detonadores, é também aquilo que pode condená-lo. Isso já fica marcado na sequência inicial, numa lógica em que eu elimi-



Camilo Arancibia interpreta Aldo Marín em Il Cilenno, projetado na Piazza Grande de Locarno

‘Il Cilenno’, um explosivo à moda latina

Espécie de thriller às avessas sobre o êxodo de um revolucionário após o golpe no Chile dos anos 1970 vira coqueluche em Locarno, que encerra neste sábado sua maratona cinéfila



Fantascope Films

A Romênia pode ganhar o Leopardo de Ouro com “You Don’t Belong Here”

no a épica comum à jornada heroica do cinema comercial. A bomba é a desculpa para falar de algo que tem a ver com a intimidade do revolucionário. Em filmes comerciais, somos levados a conhecer o exterior do revolucionário, mas não o interior. Essa é a mudança de paradigma que eu proponho em ‘Il Cilenno’ ao analisar o sentimento de Aldo”.

Aos 47 anos, Castro-San Martín estreou como realizador em 2009, com “Paseo”, firmando-se como uma das vozes autorais de prestígio do Chile ao lançar “Un Día Con Tortoise”, em 2011. A narrativa de “Il Cilenno” nasceu como

coprodução com a Itália, país para onde Aldo viaja, na trama do longa, em busca de refúgio, encontrando suporte em facções rebeldes. O cineasta concorda com o Correio da Manhã ao ouvir que seu filme dialoga pouco com a tradição política do cinema de sua nação (defendida pelos mestres Miguel Littín, Valeria Sarmiento e Patricio Guzmán) e conversa mais com a verve literária do colombiano Gabriel García Márquez (1927-2014), sobretudo nas páginas de “Crônica de uma Morte Anunciada”.

“Entendo essa interseção no sentimento de orfandade de nós, la-

tininos, na sensação de sermos órfãos num mundo que nos exclui”, diz o diretor.

É por isso que seu “Il Cilenno” evita mencionar diretamente figuras centrais do jugo ditatorial como Augusto Pinochet (1915-2006). Na história que serviu de inspiração ao filme, o sonho de Aldo Marín estava ligado à ideia de matar o ditador. Na telona, o sonho é muito menos épico: juntar dinheiro suficiente para trazer a mulher e o filho de volta. “Todos queremos a nossa família”, observa o cineasta. Para ele, esse desejo é mais político e universal do que qualquer discurso ideológico

explícito. O êxito da produção na Piazza Grande de Locarno (a praça central da cidade) se articula-se com essa percepção geopolítica de Castro-San Martín, animado com a produtividade audiovisual de seus conterrâneos.

“Estamos vivendo o melhor momento do cinema chileno na História. Não à toa temos, pelo menos, uns cinco filmes por ano selecionados em festivais de classe A”, afirma o artista. Finalizando suas atividades, Locarno contabiliza projeções de títulos que arrebatarem fás. Na briga pelo Leopardo de Ouro, o supracitado “A Margem do Rio”, um thriller queer sobre um auxiliar de serviços gerais às voltas com uma seita armada (e com o desejo por um homem que conheceu no mangue), destacou-se em muitas frentes. A mais forte delas é a engenhosa direção de fotografia de Luciana Baseggio.

Há, entre os 17 competidores, um certo favoritismo em volta do suspense romeno “You Don’t Belong Here” (“Nu E Locul Tau Aici”), de Florin Serban. No enredo, Marius é o diretor médico de um hospital em sua pequena cidade natal, onde cria sozinho o filho adolescente, Ioan, desde a morte da mulher. É um profissional seguro de si, que não faz ideia do que seu rebento anda fazendo à noite, percorrendo a cidade de bicicleta e vandalizando carros ao lado de um grupo de justiceiros mascarados. O mundo de Marius desmorona ao descobrir que Ioan é suspeito de um assassinato. Fala-se muito (e bem) ainda de “Brave New Love”, de Maria Bäck, um drama vindo da Dinamarca (em sinergia com a Suécia). Kathrine Thorborg Johansen e Anders Danielsen Lie esbanjam talento no elenco deste delicado estudo sobre a fronteira entre desejo, responsabilidade e culpa. No roteiro, a hipnoterapeuta Kate (Kathrine, em sublime atuação) repensa sua rotina frente a um caso extraconjugal com um amante malandro (eis o papel de Anders) e a uma gravidez indesejada.

Mirações chinesas

Produções da nova safra de expressões autorais da China ocupam diferentes telas do Rio num intercâmbio de culturas, com destaque para a animação

RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Pátria de artesões da imagem como Zhang Yimou e Jia Zhangke, a China atravessa um bem-vindo processo de ocupação das telas cariocas com o festival que oxigena o Rio de Janeiro com expressões comerciais e experimentos investigativo da linguagem audiovisual. Nesta sexta, essa maratona ocupa a Arena Carioca Fernando Torres, em Madureira, com “Liangzhu: Um Diálogo entre Civilizações”, às 10h; “Eu Sou O Que Sou”, às 11h; e “Filho Cabeçudo e Pai Cabeçudo” (uma animação), às 14h. Nos dias 20 e 21 de agosto, o evento se muda para o C4 – Biblioteca Parque da Rocinha, com programação voltada ao público da comunidade e também aberta ao público geral, incluindo curtas de um concurso chamado Jovem Cineasta.

Ali, a V Mostra de Cinema China Brasil - com curadoria de Hélio Pitanga e Arthur Chen - se abre para pérolas como “Os Temíveis Monstros da Dinastia Tang” e “Master Zhong”. No dia 21, a Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM), na unidade Villa Aymoré, na Glória, vai sediar um bate-papo com players do mercado cinematográfico chinês, num

fórum de fomento e intercâmbio. Essa maratona se despede no próximo dia 25 com uma exibição no Instituto Zeca Pagodinho, em Xerém, Duque de Caxias, levando à Baixada Fluminense um dia inteiro de programação dessa troca sino-brasileira.

“As pontes culturais têm as suas raízes nas questões relacionadas com o desenvolvimento da humanidade e numa profunda valorização dos valores de outras civilizações”, explica, por email, Zhou ZMG, diretora de “Liangzhu: Um Diálogo entre Civilizações”, o documentário que parte da cidade milenar de Hangzhou, na Ásia, e chega à floresta amazônica. “O Oriente e o Ocidente seguiram caminhos diferentes, mas cada um chegou a respostas notáveis. Partilhar e aprender uns com os outros pode proporcionar-nos novas perspectivas hoje em dia. No seu cerne, porém, as pontes culturais assentam na comunicação e no diálogo entre as pessoas”

De janeiro para cá, 33 longas-metragens tornaram-se blockbusters, ou seja, passaram da raia de US\$ 100 milhões. E pela primeira vez desde a pandemia, temos cinco longas nas raias do bilhão (de dólares) em faturamento mundial: “Homem-Aranha: Um Novo Dia”, “A Odisseia”, “Toy Story 5”, “Michael” e “Super Mario Galaxy”. Nesse perímetro de sucesso, a Chi-



Jackie Chan contém a lâmina de Tony Ka Fai Leung em Operação Sombra

na tem um protagonismo notável, ao ocupar o oitavo lugar entre as maiores vendas de ingressos de 2026 com “Pegasus 3”, que acumulou US\$ 656,4 milhões. Terceiro capítulo da franquia criada por Han Han, o longa mistura automobilismo, humor e drama esportivo, mantendo o enorme apelo popular da série iniciada em 2019. O dado mais impressionante é que praticamente toda sua receita veio do mercado internacional — sobretudo

da própria China —, já que apenas 0,2% da arrecadação foi registrada nos cinemas norte-americanos.

Quando se estende a análise para 20 longas mais rentáveis do primeiro semestre para cá, há ainda mais três chineses: “Dear You”, “Kung Fu Soccer” e “Blade of the Guardians”. Nessa seara pop, a V Mostra de Cinema China Brasil trouxe até nós um thriller com Jackie Chan: “Operação Sombra”, de Larry Yang. Veio ainda o já mencionado “Filho Cabeçudo e Pai Cabeçudo”, exemplar de uma das franquias animadas mais populares daquela nação, dirigida por Liu Kexin. Vale lembrar que, em 2025, o maior faturamento global foi de uma animação chinesa: “Ne Zha 2 - O Renascer da Alma”, que contabilizou cerca de US\$ 2,2 bilhões. É o primeiro longa não americano, na História, a entrar para o clube dos longas bilionários.

O título internacional do projeto de Kexin é “Big Head Son and Small Head Dad”. No derivado a ser exibido aqui, o Filho Cabeçudo e o Pequeno Pai Cabeçudo acabam reduzidos a um tamanho minúsculo, durante uma visita a um parque temático tecnológico, e precisam enfrentar o mundo real em escala

gigante, embarcando em uma divertida aventura de união familiar.

“Quer o público esteja no Brasil ou noutros países, é possível se identificar com os temas comoventes de companheirismo, tolerância e crescimento partilhado presentes nas nossas histórias”, diz Kexin. “Continuamos a desenvolver narrativas realistas sobre a relação entre pais e filhos, enraizadas no cotidiano, que atraem tanto os jovens espectadores como o público de todas as idades, transformando a animação familiar chinesa num meio acessível para a comunicação intercultural. Em primeiro lugar, investimos em enredos e numa estética visual enraizados no autêntico cotidiano chinês. O design das personagens vai ao encontro dos gostos das crianças chinesas, com um estilo distinto que se diferencia do design clássico das personagens japonesas. Todos os cenários inspiram-se em espaços residenciais e paisagens urbanas contemporâneas reais da China, enraizando cada narrativa no cotidiano genuíno do povo chinês. Em segundo lugar, a nossa lógica narrativa e os nossos fluxos de trabalho de produção são adaptados para contar histórias familiares ao estilo de nossa nação”.



Liangzhu - Um Diálogo entre Civilizações é uma celebração de diversidades culturais

Vencedor do Prêmio Caminhos da Literatura será publicado no Brasil, em Portugal e em Angola

OLGA MELLO
Especial para o Correio da Manhã

Cinco séculos depois da chegada dos portugueses em território brasileiro, para onde trouxeram escravizados – a maior parte deles originários da costa ocidental africana, o prêmio Caminhos da Literatura cumpre a rota inversa pelo Atlântico Sul: em 2027, o romance vencedor do concurso será publicado, simultaneamente, no Brasil, em Portugal e em Angola.

O produtor cultural e escritor Henrique Rodrigues, idealizador do Caminhos da Literatura, acredita que a iniciativa pode ajudar a aumentar o interesse nos ficcionistas brasileiros em geral. “Existe uma via de mão dupla um pouco desequilibrada em alguns aspectos: autores de fora são as grandes estrelas nos festivais literários brasileiros, e o mesmo não ocorre do outro lado, o que se

deve à nossa antiga condição de colônia.

Também é natural, por uma questão de mercado, que autores de maior sucesso comercial e midiático no Brasil atraiam o interesse de fora. Daí a relevância do nosso Caminhos levar para esses países um livro escolhido unicamente por sua qualidade literária, independentemente de quem o escreva. Essas duas editoras acreditam não só no potencial da nossa literatura, mas também apostam no nosso método de seleção dessas obras, considerando que são produzidas por autores inéditos.”, diz Rodrigues.

Por enquanto, o concurso é restrito a brasileiros ou a estrangeiros residentes no Brasil e seu resultado deve ser anunciado em novembro. O livro vencedor será lançado no Brasil pela editora Dublinense, como nos anos anteriores. Em Portugal, a edição fica com o grupo Infinito Particular, que também publica no país as escritoras brasileiras Carla Madeira, Socorro Acioli e Aline Bei.



Vanessa Henz

Henrique Rodrigues acredita que a iniciativa pode ajudar a aumentar o interesse nos ficcionistas brasileiros

A editora em Angola é a Kacimbo, criada pelo escritor angolano Ondjaki. Segundo Henrique Rodrigues, um dos fatores comuns à literatura dos países lusófonos é a forte valorização de vozes até então excluídas socialmente.

“As desigualdades de gênero, etária, racial, entre tantas, têm sido questionadas nesse campo das representações simbólicas. Esse é, inclusive, o conceito do nosso Prêmio Caminhos, gratuito e democrático, no qual cada pessoa tem a mesma oportunidade. Sabemos o quanto é difícil para um autor iniciante ter seu livro publicado por uma editora que dê um tratamento profissional e distribua a obra. A seleção é protegida por anonimato, a fim de que seja revelado um romance pela sua qualidade. No próximo ano, o livro se movimentará por esse triângulo lusófono formado por Brasil, Angola e Portugal, estabelecendo uma plataforma cultural de circulação da literatura brasileira contemporânea entre os três países”, lembra Rodrigues.

As inscrições estão abertas no site www.premiocaminhos.com.br, a partir da segunda-feira, 17 de agosto, e vão até 15 de setembro. Podem se inscrever escritores brasileiros que jamais tenham publicado um romance. Criado para estimular a chegada de novas vozes à literatura brasileira, o Caminhos da Literatura, em 2024, foi para a paraense Izabella Cristo, foi a vencedora com o romance Mãezinha. No ano seguinte, o prêmio revelou a escritora mineira Paula Novais, autora de Gaiolas de concreto armado.

NA ESTANTE

POR OLGA MELLO

UM LUGAR ENSOLARADO PARA GENTE SOMBRIA

Uma mulher prefere se isolar de amigos e da família para não abandonar o fantasma de sua mãe, que vive em sua casa. A convivência com os mortos torna-se um dever cumprido até de forma prazerosa pela protagonista do primeiro dos doze contos da argentina Mariana Enriquez em “Um lugar ensolarado para gente sombria” (Intrínseca, R\$ 79,90), uma delicada reunião de histórias góticas que não se furtam a comentar o passado sofrido e próximo de seu país. É uma Buenos Aires empobrecida que assoma nessas histórias cuja proposta está longe de assustar o leitor, mas buscar a reflexão sobre a contemporaneidade com um toque de realismo fantástico aprimorado pelo amadurecimento da autora.



Divulgação

ENTRE AMIGOS

“(…) Estou há + de uma semana aqui. Tomei banho numa cascata (…) e fui mordida por um batalhão de mosquitos. (…) Andei pelos morros, fazendo horríveis reflexões sobre a vida e a morte. (…) Não se esforce por ser um bom rapaz e não se obrigue a escrever-me”. A carta, bem curtinha, que Clarice Lispector enviou, do interior de Minas Gerais, ao escritor Lúcio Cardoso em janeiro de 1942, é uma das muitas que compõem “Entre amigos” (Rocco, R\$ 89,90). A seleção da correspondência de Clarice para os escritores João Cabral de Melo Neto e Rubem Braga, além de Lúcio Cardoso, revela aspectos do cotidiano, segredos, implicâncias e outras brincadeiras típicas de amigos próximos, sem o cuidado da composição literária dos principais artistas brasileiros de uma época.



Divulgação

MAR NEGRO – AS HISTÓRIAS DE CLAUDIO PEREIRA NUNES

Empresário que enfrentou falência, dependente químico que se livrou das drogas, um organismo fragilizado que superou doenças graves. Apesar de tantos dissabores, “Mar negro – As histórias de Claudio Pereira Nunes” (Itapuca, R\$ 50), de Jeline Rocha e Solange Duart, trata com raro bom humor essa trajetória de superação. O lançamento será leste sábado, 15 de agosto, às 17, na Festa Literária Internacional de Niterói (Avenida Visconde de Rio Branco 880), com um debate que reunirá as autoras e o biografado.



Divulgação

GASTRONOMIA

(@RESTAURANTS_TO_LOVE) ESPECIAL PARA O CORREIO DA MANHÃ



NATASHA SOBRINHO

Banoffee

para todos os gostos

Dos clássicos às versões desconstruídas, saudáveis e surpreendentes, a sobremesa de banana, doce de leite e chantilly ganha novas formas nas mesas cariocas

A banoffee deixou de ser apenas uma torta e virou uma sobremesa cheia de possibilidades no Rio. Nos restaurantes e docerias cariocas, ela aparece em versões que vão do clássico ao criativo: desconstruída, servida como um delicado dumpling, em releituras mais leves e até sem açúcar. Tem também quem aposte em diferentes texturas, bases crocantes e apresentações individuais. Uma boa desculpa para provar que banana, doce de leite e creme continuam formando uma combinação irresistível, mas podem ganhar muitas outras caras. Confira abaixo:



Banoffee Masi



Banoffee Sao Miguel



Banoffee Araucária



Torta Banoffee Cardin



Banoffee Xiao Long Bao do Suibi



Banoffee Miam Miam

ARAUCÁRIA – A padaria, na Lapa, faz a sua própria banoffee com base de farinha de amêndoas, recheio de doce de leite e creme de leite. É ainda finalizada com banana e chantilly e polvilhada com cacau em pó (R\$25, a fatia). Endereço: Av. Gomes Freire, 430 - Lapa. Contato: @araucariapaes.

CARDIN – A cafeteria oferece em seu menu a Torta de Banoffee (R\$ 180 inteira | R\$ 20 fatia) com casquinha crocante feita com biscoito, recheada com o autêntico doce de leite, cobertura de chantilly e polvilhada com canela.

Endereço: Rua Constante Ramos, 44 – Copacabana. Telefone: (21) 96703-5262.

MAIS - No restaurante do chef Nao Hara, localizado no 30º andar do Hotel Nacional, a Banoffee Desconstruída (R\$ 64) com sorvete e calda de doce de leite, é um dos carro-chefe da seção de sobremesas. Endereço: Hotel Nacional. Avenida Niemeyer, 769, São Conrado. Telefone: (21) 99037-6339

MAYA CAFÉ – A casa em Laranjeiras tem opção de doces sem culpa sem

açúcar, glúten e lactose como a minibanoffee (R\$29), feita com banana, doce de leite e café, e adoçado com xilitol. Endereço: Rua Professor Ortiz Monteiro 15B – Laranjeiras. Telefone: (21) 98895-9280.

MIAM MIAM - Uma das sobremesas do cardápio do restaurante da chef Roberta Ciasca, em Botafogo, é a Banoffee com biscoito de especiarias, doce de leite, banana e chantilly de mascarpone (R\$ 37). Endereço: Rua General Góis Monteiro, 34 – Botafogo. Telefone: (21) 98366-4420.

SÃO MIGUEL – No complexo gastronômico, em Botafogo, a banoffe (R\$ 38) é feita com banana caramelizada com canela, crumble de amêndoa, doce de leite e merengue. Endereço: Rua Assunção, n°33 – Botafogo. Telefone: (21) 99804-5366.

SUIBI – No restaurante asiático do chef Sei Shiroma a Banoffe Xiao Long Bao (R\$ 39) aparece em forma de dumpling, feito a vapor com recheio de banoffee e acompanhada mascarpone. Endereço: Rua Joana Angélica, 184 – Ipanema. Contato: @suibi.restaurant.